

**“HÁ MUITAS PERNAS E POUÇOS BRAÇOS”: PROGRESSO E
QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NO TERRITÓRIO MINEIRO EM FINS
DOS OITOCENTOS ¹**

“THERE ARE MANY LEGS AND FEW ARMS”: PROGRESS AND ETHNIC-RACIAL ISSUES IN THE
TERRITORY OF MINAS GERAIS IN THE LATE 19TH CENTURY

“HAY MUCHAS PIERNAS Y POCOS BRAZOS”: PROGRESO Y CUESTIONES ÉTNICO-RACIALES
EN EL TERRITORIO DE MINAS GERAIS A FINALES DEL SIGLO XIX

Higor Mozart Geraldo Santos

Professor de Geografia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais
(Campus Muriaé)

Email: higor.mozart@ifsudestemg.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1383-3736>

¹ O presente artigo apresenta trechos extraídos da tese de doutorado batizada “O Suplício de Tântalo no Éden Mineiro: Geografias da Espera e o Sonho do Progresso em Minas Gerais (1888-1897)”, financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), através de concessão da bolsa de pesquisa – Código de Financiamento 001. O trabalho integra ainda a pesquisa intitulada “A hibridez como marca do urbano: geografia histórica das cidades, regiões e territórios da Zona da Mata Mineira (meados do século XVIII até começo do XX)”, coordenada por Maria Isabel de Jesus Chrysostomo, com apoio da FAPEMIG (processo APQ-02730-23) e do CNPQ (processo 315765/2021-6).

Resumo

Nosso objetivo é sublinhar, nos discursos de políticos mineiros do fim dos oitocentos, a coexistência de duas Minas Gerais. De um lado, a imagem desejada, em que o sonhado progresso seria metrificado pela velocidade. Sua sinfonia seria composta pelo sibilar das locomotivas, sotaques de imigrantes estrangeiros e pelo barulho do arado a sulcar a terra. Na outra vereda, a imagem identificada era caracterizada por um acachapante arcaísmo cujo ritmo era registrado através de metáforas sobre lentidão, espera e sonolência. Sua melodia seria composta pelo marasmo de um território considerado repleto de ausências – de trilhos, maquinários, população laboriosa – e pelas danças, ritos e credos professados por indivíduos malquistos, como eram os negros e indígenas, tachados de preguiçosos, ignorantes, e desordeiros.

Palavras-chave: Território da espera; questões étnico-raciais; desenvolvimentismo econômico; Minas Gerais

Abstract

Our objective is to compare two coexisting images of Minas Gerais in the speeches of Minas Gerais politicians at the end of the nineteenth century. On the one hand, there is the desired image, in which the imagined progress would be measured by speed. Its symphony would be composed of the hiss of locomotives, the accents of foreign immigrants, and the sound of the plow in the soil. On the other hand, the prevailing image was characterized by deep archaism, whose rhythm was conveyed through metaphors of slowness, waiting, and drowsiness. Its melody would be shaped by the stagnation of a territory perceived as marked by absences – of railways, machinery, and a hard-working population – and by the dances, rites, and creeds practiced by groups deemed undesirable, such as Black and Indigenous peoples, who were labeled lazy, ignorant, disorderly, and prone to idleness and vagrancy.

Keywords: Territory of waiting; ethnic-racial issues; economic developmentalism; Minas Gerais

Resumen

Nuestro objetivo es comparar dos imágenes coexistentes de Minas Gerais en los discursos de los políticos de Minas Gerais a finales del siglo XIX. Por un lado, se presenta la imagen deseada, en la que el progreso imaginado se mediría por la velocidad. Su sinfonía estaría compuesta por el silbido de las locomotoras, los acentos de los inmigrantes extranjeros y el sonido del arado en la tierra. Por otro lado, la imagen predominante se caracterizaba por un profundo arcaísmo, cuyo ritmo se expresaba mediante metáforas de lentitud, espera y somnolencia. Su melodía estaría conformada por el estancamiento de un territorio percibido como marcado por ausencias —de ferrocarriles, maquinaria y una población laboriosa— y por las danzas, ritos y credos practicados por grupos considerados indeseables, como los pueblos negros e indígenas, a quienes se calificaba de perezosos, ignorantes, desordenados y proclives a la ociosidad y la vagancia.

Palabras clave: Territorio de la espera; cuestiones étnico-raciales; desarrollismo económico; Minas Gerais

1. Introdução

A nossa província é um thesouro immenso do futuro, suas grandes riquezas não de assombrar todo o orbe: disto será testemunha a geração que respirar daqui a um ou dous seculos, si nós imprudentemente não retardarmos essa epoca (Diario de Minas, 4.jul.1874,p.1).

Em Minas Gerais, cores lúgubres tingiam as denúncias sobre a paradoxal situação na qual o estado se encontraria. Havia, segundo os depoimentos, elementos abundantes, porém desaproveitados; mordaz absurdo que explicaria profunda letargia reinante. No entanto, o letargo não era tão descomunal quanto se pintava. O que ocorria é que as reminiscências do período colonial – momento em que Minas Gerais figurava como a capitania mais rica do país – somadas às comparações com a então florescente economia paulista, ampliavam a

sensação letárgica². De tal justaposição, surgia “a percepção do atraso, a insistência nas potencialidades inexploradas [...] e o debate sobre a recuperação econômica [...]” (Dulci, 2005, p. 115). A partir de diferentes predicados – “estacionário”, “profundo somno”, “estágio embrionário” – o território mineiro era identificado como *locus* inequívoco da espera.

Era nítido um sentimento de perda de prestígio e de relevância frente às demais províncias do Brasil. A mineira, diziam variados políticos, via “lhe escapando insensivelmente sua preponderancia”, enquanto assistia “suas irmãs adiantarem-se e irem-a deixando na retaguarda” (O Bem Publico, 17.set.1860, p4). Mas, se repararmos atentamente, veremos que as abundantes lamúrias não eram capazes de engolfar as esperanças por dias auspiciosos. Não a esmo, junto de expressões que abominavam a face indesejável da espera, epítetos alvissareiros captavam a fé nos dias vindouros. É nessa medida que imaginações espaciais operavam para converter Minas Gerais em uma espécie de “território da espera” – denominação, a um só tempo, reveladora de espécie de “inércia ou dormência territorial” e anunciadora da “esperança do dinamismo” (Vidal, 2005, 2007, 2012; Santos, 2020)³.

Diante de tal linha de raciocínio, buscamos interpretar de que maneira, em Minas Gerais, a noção de espera serviu para alimentar projetos territoriais de nuances desenvolvimentistas. Aqui cumpre esclarecer que na linguagem socioeconômica, o desenvolvimentismo qualifica a intenção de superar a condição de “atraso relativo” (O Pharol, 17. jul.1877, p.1). Trata-se de um *projeto* que mobiliza a dimensão política traduzida na intervenção governamental e nos arranjos com outros grupos, com destaque às elites políticas, econômicas e intelectuais (Dulci, 2005). Tal processo, em Minas Gerais, estaria alicerçado em três grandes eixos: i.) na modernização produtiva que em sua gênese vinculava-se, sobretudo, à questão agrícola; ii.) na postura defensiva em relação à espoliação estrangeira, numa tentativa de resguardar os interesses regionais ou nacionais; iii.) no papel

² “Por muito tempo, a historiografia convencional difundiu a ideia de que Minas depois do “ciclo do ouro” teria ingressado em um longo período de letargia, perda de população e estagnação. Na verdade, uma série de estudos realizados na UFMG mostram que Minas viveu no século XIX um padrão mais lento de crescimento, sobretudo se comparado com períodos do século anterior de imigração e crescimento demográficos extraordinários. Na verdade, ao longo do século XIX Minas manteve um crescimento relativamente alto, em torno de 2,3% ao ano, muito superior à média do país, como mostram os censos de 1872, 1890 e 1900” [...] (Matos, 2020, p.21). Por outro lado, lembra Matos (2020, p.30), as características rurais, tradicionalistas e o pouco dinamismo da economia mineira, assomados à alteração do eixo de desenvolvimento na direção de São Paulo, contribuíram para deixar a “elite mineira mais instruída” ao descompasso que se instalara.

³ A noção de “território da espera” foi originalmente concebida no âmbito do projeto *TERRIAT: Sociétés, mobilités et déplacements: les territoires de L'attente: Le cas des mondes américains (d'hier à aujourd'hui)*, coordenado por Laurent Olivier Vidal. Atento aos ritmos espaço-temporais propriíssimos das migrações, o referido autor realça que os deslocamentos não são compostos apenas por *movimentos*, mas também por *pausas* que, ao se cristalizarem no espaço, dão existência aos chamados *territórios da espera* (Vidal, 2005, 2007, 2012).

do Estado enquanto elemento articulador, planejador e financiador das aspirações desenvolvimentistas (Barbosa, 2012). Em nossa hipótese, e aqui reside ponto medular, tal *proto-desenvolvimentismo* – de retumbantes repercussões territoriais – era legitimado a partir de discursos de espacialidade pronunciada que conjugavam imagens de *lentidão, espera e esperança*.

Nessa medida, no presente artigo ressaltamos como imaginações espaciais colaboravam para explicitar o suposto atraso mineiro e idealizar um futuro que não abraçaria negros, indígenas e brancos pobres. O texto se divide em três atos. No primeiro, abordamos semânticas do *progresso*. Na sequência, a partir do caso mineiro, discutimos as particularidades da noção de espera. No ato derradeiro, apresentamos exemplos que realçam os componentes étnico-raciais enlaçados às discussões sobre o desenvolvimentismo mineiro.

2. Ato 1: Semânticas do Progresso

O curso da história e, sobretudo da civilização, experimenta desde sempre um aumento gradual do nível de bem-estar ou felicidade, incluindo, aí, o aperfeiçoamento do indivíduo e da humanidade. Tratar-se-ia de caminhada rumo a uma direção desejável. No entanto, conceber o universo em um fluxo perpétuo não é suficiente para que compreendamos a ideia de Progresso; é também necessário dimensionar o propósito da caminhada (Bobbio, 1998).

No caso das Gerais, mencionamos o trabalho em que Pádua (2012) escava os significados do conceito de *progresso* nos discursos emanados pelas elites políticas no período de 1891 a 1930. O estudo tomou como base não apenas a ocorrência da referida palavra, mas também de suas correlatas. Os termos mais utilizados, em ordem decrescente de ocorrência, foram: *desenvolvimento, melhoramento, aumento e progresso*. O primeiro aparece aplicado no sentido de aproveitar, descobrir potencialidades, desdobrar algo que está envolto. *Melhoramento*, por seu turno, compartilha semântica próxima à palavra aperfeiçoamento, indicando, portanto, o caminho rumo a estágio dito superior. *Aumento e crescimento*, por sua vez, denotavam a ideia de ampliação e engrandecimento. *Progresso*, finalmente, tem definição associada à ideia de avançar, ir adiante. Tais termos comporiam a natureza multifacetada do conceito de progresso (Pádua, 2012), conforme evidenciado no Quadro 1:

Quadro 1. Formas gramaticais dos termos “progresso” e seus correlatos

| |
|---|
| Ade(i)antar, ade(i)antamento (em sentido favorável), ade(i)antado |
| Aperfeiçoar, aperfeiçoamento, aperfeiçoado |
| Augmentar, aumento (cada vez mais e melhor), aumentado |
| Avançar, avanço, avançado |
| Crescer, crescimento, crescido, crescente |
| Desenvolver, desenvolvimento, desenvolvido |
| Evoluir, evolução, evoluído |
| Incrementar, incremento, incrementado |
| Melhorar, melhoramento, melhoria, melhorado |
| Progredir, progresso, progressão, progressivo |

Fonte: Pádua (2012)

Os temas com os quais a palavra *progresso* aparecia mais associado eram, em ordem: Economia e Finanças; Educação; Agricultura; Transportes; Indústrias; Nova Capital; Pecuária; Estancias hydro-minerais e águas; Saúde pública; Segurança e assistência pública; Obras públicas do Estado; República; imigração e colonização; Imprensa Oficial; População; Comércio; Estatísticas; Legislativo; Terras devolutas e florestas; Judiciário; Fronteiras; Serviço de luz e força elétrica; Serviço meteorológico; Países desenvolvidos; Eleições; exposições; História de Minas Gerais; Liga das nações. Ou seja, havia nítida preocupação com a produção de riqueza econômica e material e com a educação que era vista como sinônimo de transformação social (Pádua, 2012).

Se se falava com frequência na necessidade de *progresso*, falava-se também em noções que simbolizavam tudo aquilo que o governo desejava evitar. Não ao acaso, termos como *atraso*, *letargia*, *decadência*, *estagnação* e *declínio* eram inquilinos permanentes nos discursos veiculados em hebdomadários mineiros:

Quadro 2. Discursos sobre a decadência mineira

A provincia de Minas é uma das **mais atrasadas**, por ser a maior em território; não pode com sua grandesa; porque sua população de um milhão e oitocentos mil habitantes, não está em relação com sua colossal grandesa territorial [...] (Constitucional, 28.dez.1867, p.3).

A provincia de Minas, o mais bonito diamante da corôa do Brazil, como disse D. Pedro 1º, **está empallidecido**, já não brilha. Moralmente fallando, Minas ja não tem a influencia que teve outr'ora (Diario de Minas, 30.set.1873, p.1, grifos nossos).

A provincia de Minas, Exm, em outras eras tão cheia de fulgor e de brilho; tão florescente e tão prospera; tão pujante de seiva e de vida; acha-se no entanto, desde alguns annos a esta parte em um estado de **completo e progressivo declínio**; esta triste e amarga verdade, é infelizmente, com pesar reconhecida por todos (A Actualidade, 9. jul.1878, p.1)

Minas-Geraes, esse colosso respeitavel, **continua inerte, abatida e desprestigiada** (A Verdade, 26.ago.1886. p.1).

Fonte: Santos (2021)

Por sua vez, o conceito de decadência, diz Le Goff (2003), é um dos mais confusos associados à história, isto porque a evolução do termo não apresenta registros facilmente rastreáveis. Aparentemente no latim e tampouco no grego há palavra de sentido correlato ao que se entende nos tempos correntes. Os romanos se referiam à “decadência” dos costumes a partir da ideia de movimento que passaria pelo deslize (*labente*), queda (*lapsi*) e, por fim, pelo aniquilamento (*praecipites*). No vocábulo latino, diz o historiador, há termos como queda e ruína. Mas, a despeito das névoas, fica evidenciada a sua presença recorrente nos discursos. No caso analisado, os atributos geográficos operavam como trunfos mobilizados para domar a decadência, conforme é possível verificar nos discursos abaixo selecionados:

Quadro 3. Discursos sobre espera e esperança

Esta provincia, tão rica, á que se assignala um **futuro esperançoso** (O Liberal de Minas, 1868, 8.jul.1868, p.1).

A nossa provincia é um **thesouro immenso do futuro**, suas grandes riquezas hão de assombrar todo o orbe (Diario de Minas, 4.Jul.1874, p.1).

A terra mineira [...] **não pode ficar estacionaria**, [...] não é licito aos que dirigem-lhe os destinos deixal-a puramente entregue á **acção lenta dos tempos** e a serodia evolução das forças naturaes... (Liberal Mineiro, 7.Mar.1884, p.1).

Para desenvolver esses **germens de progresso espera-se** apenas a aproximação de vias de comunicação rapida e a iniciativa intelligente de homens patriotas (Annaes da Escola de Minas de Ouro Preto, 1885, p.150)

A nossa lavoura, o nosso commercio e industrias **que esperem**; continue no **estado marasmatico** em que vivem até que um dia, se é licito ter-se **esperanças**, recebam uma esmolasinha do maná celeste, que as alimente e faça prosperar, aproveitando-se, então, a **seiva embrionaria** de que se sustentam á **espera do progresso civilizador**, que venham restituir-lhes a força e a vida. **Esperemos** (A Verdade, 17.Jun.1886, p.1)

Encerram, sem duvida, os nossos sertões virgens incalculaveis riquezas que **só esperam a mão do homem** para virem engrossar a somma da nossa fortuna realizada” (Minas Geraes, Mensagem, 1894, p.14).

Num territorio extensissimo, onde a uberdade do sólo e a riqueza mineral, rivalisam com a caudal de seus rios e a amenidade e diversidade de seu clima, **acha-se infelizmente em embryão** o aproveitamento dos immensos recursos naturaes que possúe, **dependendo apenas de quem** possa applicar um pouco de esforço e actividade no desenvolvimento de suas innumeraveis e inexgotaveis riquezas [...] até hoje lucha a lavoura, a mais forte e primitiva fonte de riqueza da nação – **tudo estacionou**” (Minas Geraes, 5 ago, 1894, p.5)

Fonte: Santos (2021)

A leitura dos excertos evidencia que a exaltação do patrimônio geográfico mineiro caminhava lado a lado com a expectativa de superação da inércia. Evidencia, também, que a ideia de espera era constante nos discursos sobre o letargo mineiro.

3. Ato 2 – Semânticas da Espera

A espera, afinal, “pode ser uma metáfora fácil para descrever muitas das situações sociais” (Vidal, Musset e Vidal, 2011, s/p). Cumpre aqui dizer, portanto, que a espera a qual nos referimos nesse trabalho é a espera pelo “*progresso civilizador*” viabilizada por próteses técnicas (A Verdade, 17.jun.1886, p.1). Trata-se de uma *espera* que transbordava dos sonhos e encharcava um *território* que parecia, ele próprio, ter vontades particulares: o desejo por ferrovias, estradas, imigrantes, pontes, telégrafos e escolas. Vontades de um território que queria sentir-se útil e ocupado. Entretanto, diante de tais quererres territoriais, não nos enganemos: quem narrava a espera e os desejos do *território* não era ele próprio, mas sim políticos – leia-se: senhores de terra ou representantes dos interesses destes – que, a partir de quimeras, projetavam uma Minas Gerais marcada por novos ritmos.

Tratava-se, como depreendemos a partir de Vidal (2019), de um compasso de *espera* vinculado à noção de *ritmo*. De um lado, o ritmo do *progresso* metrificado pela velocidade, prontidão, pressa e continuidade. Sua almejada sinfonia era composta pelo sibilar das locomotivas, sotaques de trabalhadores estrangeiros e pelo barulho do arado a sulcar a terra. Na outra margem temos o *arcaísmo* cujo ritmo era registrado através de metáforas sobre lentidão, espera e sonolência. Sua melodia seria composta pelo marasmo de um território considerado repleto de ausências – de trilhos, maquinários, população laboriosa – e pelos cantos, danças, ritos e credos professados por indivíduos malquistos, como eram considerados os negros e indígenas, tachados de preguiçosos, ignorantes, desordeiros, afeitos ao ócio e à vadiagem.

Vale dizer, no entanto, que dimensão rítmica se colava de maneiras diferentes às noções de progresso, com expressões ora lisonjeiras, ora negativas, atreladas à lentidão. No ano de 1858, por exemplo, denunciava-se que o ritmo do desenvolvimento – considerado somente menos vergonhoso que o de outras três províncias – era “quasi estacionario, ou em progresso tão lento” que parecia “desmentir a fama, aliás justa, da abundancia de [...] recursos naturaes” (Correio Oficial De Minas, 12.out.1858, p.1). Na contramão, em matérias outras, notamos elogios à *lentidão* como medida de progresso perene, isto é, não um “progresso rapido, que fascina e assombra, para desaparecer em um momento, mas do

progresso lento, calculado e calmo, que ha de produzir sempre bons fructos em todas as sociedades” (Minas Geraes, 7.nov.1896, p.4).

Com esses exemplos fica nítido que a *lentidão* era usada tanto para adjetivar um progresso dito indesejável, como para advogar sobre as vantagens de uma caminhada gradual, porém duradora. A despeito disto, à revelia da forma como se valorava a *lentidão*, o atraso das Gerais era bombardeado de maneira insistente. Até porque, segundo os diagnósticos, nem mesmo um *progresso lento* existiria, o que haveria seria uma caminhada rumo à derrocada.

O desejo pelos *tempos rápidos* (Santos, 1996) pode ser melhor compreendido quando temos em vista que estamos tratando de um contexto no qual “a idade mecânica”, trazida pela era industrial, colocava a velocidade como grande aspiração do momento, enquanto a *lentidão* passava a ser utilizada para aludir, sobretudo, os dominados (Vidal, 2018). Nesse novo cenário, “os objetos técnicos, maquinicos, juntam à razão natural sua própria razão, uma lógica instrumental que desafia as lógicas naturais, criando, nos lugares atingidos, mistos ou híbridos conflitivos” (Santos, 1996, p.57). Os novos instrumentos passam a figurar não mais como extensões do corpo do homem, mas como prolongamentos do próprio território, configurando-se verdadeiras próteses.

4. Ato 3 – Semânticas do Futuro

“A paisagem é cultura antes de ser natureza” realizada a partir de *matas, águas e rochas* (Schama, 1996, p.70) – elementos esses que, no caso de Minas Gerais, não esculpiam paisagens da espera. A *mata* ganhava cor na paleta de cores dos discursos que sublinhavam a riqueza de “mattas seculares” (Minas Geraes, 12. set.1895). A *água* é retratada em enunciações que veneravam os rios caudalosos e sua navegabilidade. As *rochas* são alvo de regozijo em passagens que chamam à baila a “belleza topográfica” e seus “tesouros” (O Estado de Minas, 10. mar. 1894, p.1; Minas Geraes, 18. abril. 1896, p. 3).

A exaltação destes ingredientes paisagísticos concorria para alimentar a sensação de espera. Todavia, além das *águas, rochas e matas*, o clima e os elementos edificados pelo homem – como o caso de estradas, pontes, prédios, escolas, etc – também desempenhavam importante papel. Com isso queremos enfatizar que o sonho não era apenas enxergar paisagem exuberante do ponto de vista “natural”; posto que, além das linhas do relevo, sonhava-se com arados sulcando a terra e com linhas de telégrafo estendidas pelo horizonte. A paisagem do progresso seria, antes de tudo, uma *paisagem política*; uma *paisagem* esculpida em virtude dos desígnios de um poder que, a partir da instalação de objetos

geográficos, escancararia a dominação do homem sobre o que se concebia enquanto natureza.

A paisagem do progresso não parecia comportar a todos da mesma forma. Conviviam, no território mineiro, dispositivos espaciais voltados à disciplinarização dos considerados vadios – como colônias correccionais – e estruturas destinadas ao acolhimento de imigrantes, como eram as hospedarias e núcleos coloniais.

Os negros e indígenas eram descaracterizados como força-de-trabalho e cidadãos. Acreditava-se que eles seriam pertencentes a uma raça inferior, propensa ao ódio, desagregação social e ao crime. Os descendentes de africanos seriam, por extensão, maus trabalhadores e inaptos ao trabalho livre (Azevedo, 1987).

Como argumenta Cota (2013), os negros eram desqualificados nas páginas dos jornais mineiros sob a pecha de *feiticeiros, curandeiros e embusteiros*⁴. A alquimia do progresso não comportava os conhecimentos ancestrais e tampouco suas raízes de negros e indígenas. Argumentava-se que diante do número de vadios, o que faltava eram leis severas em prol do trabalho. Considerava-se, em síntese, que a falta de braços estava relacionada à superabundância de pernas: "Há muitas pernas e poucos braços" (Minas Geraes, 5.out. 1896, p. 3). Nas entrelinhas, contudo, insinuava-se que as pernas em excesso eram negras e indígenas, enquanto minguados seriam os braços de imigrantes⁵. A presença dos europeus, afinal, era considerada forma de injetar e difundir técnicas modernas e modos civilizados entre os produtores mineiros (Botelho et al. 2007, p. 161), sobretudo na Zona da Mata e no Sul de Minas; áreas que inspiravam maiores atenções por serem consideradas importantes fontes de renda e base eleitoral (Monteiro, 1973).

5. Considerações finais

O excerto que descortina este trabalho desenha Minas Gerais como um "território da esperança". Se de um lado a expressão "thesouro immenso do futuro" parece sincretizar as crenças daqueles que pintavam dias bem-aventurados para a província mineira, de outro, a advertência derradeira – "si nós imprudentemente não retardarmos essa epoca", não deixa dúvidas: sepultar a inércia era condição para o nascimento de futuro tão almejado. Esse sepultamento passava, inescapavelmente, pelo branqueamento do território viabilizado pela introdução de imigrantes europeus. O progresso, tal como projetado nos discursos e

⁴ Cota (2013, p.117) assinala: "Apesar da legislação imperial não considerar a prática religiosa não-católica como crime, o Código Criminal possuía um capítulo que punia aqueles que ofendessem a religião e os bons costumes em locais públicos [...] contudo sem explicitar quais seriam os atos que configurariam o delito".

⁵ Ao final do século XIX Minas Gerais reunia o maior número de escravizados e de população livre no Brasil (Monteiro, 1973).

dispositivos legais, não abraçaria negros, indígenas e brancos pobres. Não ao acaso, foram criadas estruturas para o acolhimento dos europeus que chegavam ao território mineiro e leis para punir os considerados vadios e preguiçosos negros e indígenas. Nessa mesma esteira, destacam-se os projetos que tentavam “aproveitar” os indígenas através da tentativa de lhes impor uma nova racionalidade, como foi o caso de Itambacury, no Vale do Mucuri, que nasceu aldeamento e, na transição do XIX para o XX, foi transformado em colônia para se integrar ao projeto de modernização arquitetado pelo estado (Chrysostomo e Santos, 2022).

O Estado, nesse contexto, movimenta as peças no tabuleiro, distribuindo recursos e controlando corpos, notadamente aqueles de negros, indígenas e brancos pobres. Nesse enredo, conjugar representações lastreadas na geografia mineira constituía importante ação no jogo político. A ideia de espera, nessa mesma direção, contribuía para organizar o território de acordo com os interesses das elites. Não é sem razão que Moraes (2002, p. 33) sentencie: “o espaço (sua gestão, sua representação, os projetos e imagens a seu respeito) representa um dos condutos mais eficazes do poder”.

Referências

Fontes Primárias

DIÁRIO DE MINAS . **Diário de Minas**. Ouro Preto, 4 de julho de 1874. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/376523/2875>>. Acesso em: 17.abril.2019.

MINAS GERAES . **A Imigração em Minas**. Ouro Preto, 5 de Agosto de 1894, p. 5. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=291536&PagFis=4864>>. Acesso em: 08. Set. 2014.

_____. **Congresso Mineiro – Discurso Pronunciado na Sessão de 26 de agosto de 1896**. Ouro Preto, 5 de outubro de 1896. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=291536&PagFis=10519>>. Acesso em 20. dez. 2014.

_____. **Discurso pronunciado na sessão de 12 de maio de 1893**. Ouro Preto, 27 de maio de 1893. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/291536/2157>>. Acesso em: 23.jul.2018.

_____. **Mudança da Capital**. Ouro Preto, 26 de novembro de 1890. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/767093/311>>. Acesso em: 02.fev.2019.

_____. **Nova Capital**. Ouro Preto, 12 de Setembro de 1895. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=291536&PagFis=7650>>. Acesso em 16.jul. 2018.

_____. **Uma paisagem de E. Rouede**. Ouro Preto, 27 de outubro de 1893. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/291536/3153>>. Acesso em: 2.nov.2018.

_____. **Inauguração de Ouro Fino**. Ouro Preto, 18 de abril de 1896. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=291536&PagFis=9207>>. Acesso em: 12.dez.2017.

_____. **Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Publicas**. Ouro Preto, 26 de Junho de 1892. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=291536&PagFis=405>>. Acesso em: 23.mai.2016.

O ESTADO DE MINAS GERAES. **Inauguração de Ouro Fino**. Ouro Preto, 18 de abril de 1896. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=291536&PagFis=9207>>. Acesso em: 12.dez.2017.

O LIBERAL DE MINAS. **Assembléa Legislativa Provincial** – Continuação da sessão de 26 do mez pp. – Mudança da Capital. Ouro Preto, 9 de julho de 1868. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/720879/30>>. Acesso em: 22.mar.2019.

_____. **Projeto de Felicitação**. Ouro Preto, 14 de julho de 1868. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/847372/50>>. Acesso em: 22.nov.2018.

O PHAROL. **Academia de Commercio**. Juiz de Fora, 2 de dezembro de 1890. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/258822/7498>>. Acesso em: 22.mar.2018.

_____. **A Esperança**. Juiz de Fora, 1º de novembro de 1905. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/258822/20416>>. Acesso em: 15.mai.2020.

_____. **A mudança da capital**. Juiz de Fora, 29 de maio de 1890. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/258822/6866>>. Acesso em: 20.mai.2016.

_____. **De Barbacena**. Juiz de Fora, 6 de junho de 1892. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/258822/9308>>. Acesso em: 3.abril.2019.

_____. **Feiticeiro**. Juiz de Fora, 17 de abril de 1884. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/258822/2010>>. Acesso em: 23.abril.2019.

_____. **Nova Phase III**. Juiz de Fora, 15 de Julho de 1887. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=258822&pagfis=4877>>. Acesso em: 15.mar.2018.

Fontes secundárias

AZEVEDO, C. M. M. de. **Onda negra, medo branco**: o negro no imaginário das elites século XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BARBOSA, D. H. D. **Tecnoburocracia e pensamento desenvolvimentista em Minas Gerais (1903-1969)**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

BESSE, J-M. Entre a geografia e a ética: a paisagem e a questão do bem-estar. Trad. Eliane Kuvasney e Mônica Balestrin Nunes. **GEOUSP – Espaço e Tempo (Online)**. São Paulo v. 18 n. 2 p. 241-252, 2014.

BOTELHO, T. R. A migração para Belo Horizonte na primeira metade do século XX. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 9, n. 12, p. 11-33, 2º sem. 2007.

CHRYSOSTOMO, M. I.J.O; VIDAL, L. Do depósito à hospedaria de imigrantes: gênese de um "território da espera" no caminho da emigração para o Brasil. **Hist. cienc. saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702014005000008&Ing=en&nrm=iso>. Acesso em: 11.abril. 2014.

CHRYSOSTOMO, M. I. de J., & SANTOS, H. M. G. Um marco luminoso nas brenhas de minas: do aldeamento à colônia indígena do itambacuri (1840-1910) . *GEOgraphia*, 24(52), 2022. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2022.v24i52.a46623>

COTA, L. G. S. **Ave, libertas**: abolicionismos e luta pela liberdade em Minas Gerais na última década da escravidão. 2013. 318 f. Tese (Doutorado em História Social) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2013.

DULCI, O. S. As elites mineiras e a conciliação: a mineirdade como ideologia. **Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, Editora Cortez, 1984.

_____. João Pinheiro e as origens do desenvolvimento mineiro. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). **Minas e os fundamentos do Brasil moderno**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

_____. Política e Economia em Minas Gerais: um balanço dos anos 90. In: IV Seminário sobre a Economia Mineira, 2000, Diamantina, MG. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2000.

_____. **Política e recuperação econômica em Minas Gerais**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 1999.

HOJE EM DIA. Entrevista com Otávio Soares Dulci: crescer é uma decisão política. Disponível em: <<http://hojeemdia.com.br/primeiro-plano/economia/entrevista-com-ot%C3%A1vio-soares-dulci-crescer-%C3%A9-uma-decis%C3%A3o-pol%C3%ADtica-1.253568>>. Acesso em: 21.set.2016.

MATOS, R. **As migrações na formação econômico-territorial de Minas Gerais (1700-1950)**. In: Carlos Lobo; Paulo Fernando Braga Carvalho. (Org.). Migração e mobilidade espacial da população em Minas Gerais. 1ed.Belo Horizonte: Letramento, 2020, v. 1, p. 7-44.

MONTEIRO, N. G. **Imigração e Colonização em Minas**: 1889-1930. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1973.

SANTOS, H. M. G. **Minas Gerais – O Éden Brasileiro**: notas sobre a propaganda imigratória mineira e suas alusões territoriais no findar dos oitocentos. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016, 265f.

_____. Semânticas da espera: Notas sobre a decadência mineira e seus nexos geográficos em fins do XIX, **Terra Brasilis (Nova Série)** [Online], 13 | 2020, posto online no dia 06 novembro 2020, consultado o 11 novembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/6066> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.6066>.

_____. Você já foi a Minas? Não? Então vá! – Notas sobre a propaganda imigratória mineira e suas alusões territoriais no findar dos oitocentos. **Revista de Geografia**, Juiz de Fora, v.1. 2015. Número Especial. ISSN 2236-837X.

_____. **Um Horizonte Geográfico nas Entrelinhas da Política de Imigração e Colonização em Minas Gerais (1892-1907)**. Monografia (Graduação em Geografia). 2013. 123 f. – Universidade Federal de Viçosa, 2013.

VIDAL, L. Pour une histoire sociale de l'attente. In: _____. **Mazagão, la ville qui traverse l'Atlantique du Maroc à l'Amazonie (1769-1783)**. Paris: Aubier, p.301-306. 2005.

_____. **Les Hommes lents**. Résister à la modernité, XVe-XXe siècle. 1. ed. Paris: Flammarion, 2019. v. 1. 295p .

_____. Sociétés, mobilités déplacements: les territoires de l'attente. **Revue urbanisme**, mai.-jun., p.87-90. 2012.

_____. & MUSSET, Alain (dir.) (2015) Les territoires de l'attente. Migrations et mobilités dans les Amériques (XIXe – XXIe siècle). Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 304 p.